

Palavra rápida

A CASA DOS ARCOS, de Francisco Azevedo; Paz e Terra; 180 páginas; 4 230 cruzeiros.

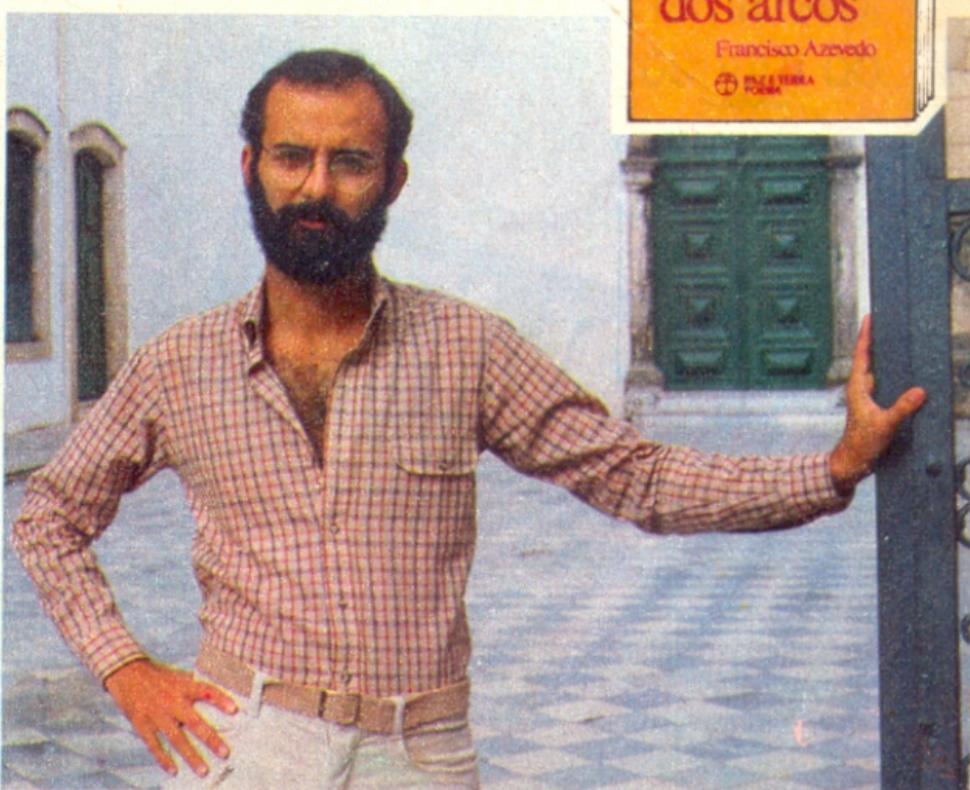
Donos de estilos e preocupações literárias radicalmente diferentes, Guimarães Rosa, Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto têm uma característica em comum, além da de serem grandes escritores — os três fizeram carreira no Itamaraty. Pela diplomacia passou também o carioca Francisco Azevedo, 33 anos, que serviu em Washington e Nova York. Com *A Casa dos Arcos*, no entanto, seu segundo livro, Azevedo disse adeus ao Itamaraty para dedicar-se com afinco à literatura, que agora tem mais chances de ver crescer um poeta — sem, ainda, o porte de um Vinicius, ou um Cabral, mas com originalidade suficiente para traçar um caminho próprio.

Nos seus poemas e prosas poéticas, Azevedo percorre uma casa imaginária, tratando as palavras com tato de diplomata para captar a ironia de algumas situações. É o caso de *Cortejo*:

*Os batedores
de moto
vão na frente
falando alto*

*Os batedores
de carteira
vão depois
falando baixo*

E assim segue o cortejo, com os policiais ("batedores de gente") ao lado, e



Azevedo: ironia exata em prosa e verso

o povo ("batedores de palma") assistindo. No final do poema, o toque mordaz: os batedores de palma

*não passam de apanhadores
e apanham muito
sempre
em qualquer regência.*

Com ecos de Cacaso e Paulo Leminski, a poesia de Francisco Azevedo tem sempre fôlego curto. Nela, a eloquência está de pescoço torcido e o borbulhar do gênio é combatido com o sorrisal da economia verbal (*Gênio/Te vejo no próximo milênio*). Aqui e ali, Azevedo faz um cafuné em Fernando Pessoa, Gil Vicente e Caetano Veloso, mas se recusa a filiar-se a qualquer tradição literária. Seus materiais de trabalho são a gíria, a política, o humor (*Mas a Guerra, rapaz/da vitória quer os louros/todos para si/e os morenos!*) e a associação inesperada de imagens e palavras. A escrita parece lhe vir tão fácil que às vezes, principalmente nas prosas, Azevedo resvala para as observações vazias de um cronista entediado. Mas o poeta sabe a receita para corrigir os rumos, pois a poesia também é questão de contabilidade: *Em contabilidade do sobrar é tão errado quanto a falta. / O certo é o exato.*

MIRIAN PAGLIA COSTA